



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ERGONOMIA
Revista Ação Ergonômica

www.abergo.org.br



MÉTODOS INTERDISCIPLINARES DE INTERVENÇÃO E PESQUISA NO ESTUDO DO TRABALHO: NOVAS PRÁTICAS EM CIÊNCIA

Flavia Traldi de Lima

flaviatraldi@hotmail.com

Psicóloga e Mestranda no Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Faculdade de Ciências Aplicadas – FCA UNICAMP.

Sandra F. Bezzerra Gemma

sandra.gemma@fca.unicamp.br

Ergonomista e Professora Doutora da Faculdade de Ciências Aplicadas – FCA UNICAMP.

Resumo

O objetivo do texto centra-se em discutir a ergonomia francófona e a psicodinâmica do trabalho como métodos interdisciplinares de intervenção e pesquisa. Entende-se que a interdisciplinaridade visa integrar o que foi dogmatizado pela ciência moderna, através de críticas às fronteiras disciplinares, à fragmentação do saber e às implicações da especialização. Enquanto metodologias que surgem no momento da crise da ciência moderna, a ergonomia da atividade e a psicodinâmica do trabalho apresentam-se como novas abordagens para pensar o trabalho, o homem e a sociedade diante da complexidade dos problemas contemporâneos.

Palavras-chave: trabalho, ergonomia da atividade, psicodinâmica do trabalho.

Introdução

A ergonomia da atividade e a psicodinâmica do trabalho são metodologias contemporâneas de investigação sobre o universo do trabalho, sendo a clínica, o modo como a ergonomia e a psicodinâmica entendem e colocam o trabalho em análise. O uso da nomenclatura *clínica* não está ligado às representações habituais, do tratamento de problemáticas singulares e/ou individuais, mas à uma concepção que enfatiza a articulação do mundo psíquico com o mundo social (BENDASOLLI; SOBOL, 2011).

Para o clínico, o trabalho não é em primeira instância a relação salarial ou empregatícia, mas é o que implica de uma perspectiva humana, o fato de trabalhar: “os gestos, os saber-fazer, o engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir a diferentes situações, é o poder de sentir, de pensar, de

inventar, etc.” (DEJOURS, 2012, p.24). Diante desse entendimento, a ergonomia francófona e a psicodinâmica do trabalho interessam-se pelas situações reais de trabalho.

O real no trabalho corresponde aos inesperados, incidentes, conflitos e panes que acontecem cotidianamente no caminho percorrido entre o prescrito pela organização e o efetivo, visto que, as situações reais de trabalho são dinâmicas, instáveis e apresentam constantes imprevistos e contradições. No distanciamento entre a atividade real e a prescrição insere-se a inteligência, a capacidade humana de problematizar o trabalho e inventar soluções, elementos que permitem que o sistema de produção funcione de maneira coesa (MOLINIER, 2013).

A partir da perspectiva apresentada e de como as abordagens partem sua compreensão e análise sobre o trabalho, neste texto se discutirá a ergonomia francófona e a psicodinâmica do trabalho como métodos interdisciplinares de intervenção e pesquisa no estudo do trabalho. Por meio de uma visita teórica, será possível compreender como cada campo de investigação destina seu olhar para as questões do trabalho e propõe novas práticas de ciência.

Ergonomia e Ergonomia da Atividade

Motivada pelas necessidades da reconstrução do parque industrial europeu dizimado pela Segunda Guerra Mundial, surge em 1963 o projeto de ergonomia francófona que se concretiza com a criação da *Société d’Ergonomie de Langue Française*.

Diferentemente da Ergonomia dos Fatores Humanos, que busca a resolução de problemas de ordem prática, a partir de uma melhor interface entre pessoas e sistemas técnicos - por meio de procedimentos experimentais em laboratórios e estudos sobre a eficiência humana -, a ergonomia francófona apresenta-se preocupada com as atividades do trabalho e com as questões reais do fazer.

A ênfase na natureza cognitiva do trabalho, na promoção de saúde e na visão de um sujeito não apenas como executor/operador de tarefas, mas controlador dos processos de trabalho, permitiu à ergonomia da atividade construir sua especificidade em relação à ergonomia anglo-saxã. Isso demonstrou a superação de concepções reducionistas de foco no “trabalho físico”, revelando a complexidade do trabalhar e a multiplicidade de aspectos que o compõe (ABRAHÃO et al., 2009).

Como um campo interdisciplinar, a ergonomia francófona é uma disciplina jovem que enraíza-se em disciplinas mais antigas, importando conceitos de áreas como a fisiologia e a psicologia (FERREIRA, BARROS, 2003), a fim de analisar o fenômeno do trabalho sob diferentes perspectivas.

Visando compreender e transformar o trabalho adaptando-o às características humanas (GUÉRIN et al., 2001), a ergonomia francófona estuda o ser humano em situação real de trabalho, utilizando metodologias e teorias voltadas para a compreensão da ação situada (SZNELWAR et al., 2004). Delimitando seu objeto de estudo na atividade de trabalho, os países de língua francesa desenvolveram metodologias heterogêneas, sendo a Análise Ergonômica do Trabalho (AET) bastante utilizada.

Como um método aberto, do tipo indutivo e notadamente interdisciplinar, as ferramentas usuais de coleta de dados podem variar, pois sua escolha é feita em função da natureza dos problemas colocados no momento em que as organizações propõem as demandas para a resolução dos problemas por ela enfrentados. A Análise Ergonômica do Trabalho aproxima-se da realidade pesquisada como um método flexível e possibilita questionar os resultados obtidos durante a intervenção, validando-os ao longo do processo (ABRAHÃO et al., 2009).

Aproximando-se significativamente das ciências humanas (SZNELWAR et al., 2004), a ergonomia da atividade preocupa-se não apenas em trazer resultados, mas analisar o sentido

das ações para os que dela participam e interagem, assegurando a satisfação dos trabalhadores com foco na redução dos riscos à saúde e na melhoria da produção.

A Psicodinâmica do trabalho

A origem da psicodinâmica do trabalho está situada nas raízes da psiquiatria e da emergência da psicopatologia do trabalho (MOLINIER, 2013) no contexto do desenvolvimento do capitalismo industrial. Com a Psicopatologia do trabalho, Dejours (1992), psiquiatra, psicanalista, médico do trabalho e com estudos em ergonomia pelo *Conservatoire National des Arts et Métiers* (Cnam) de Paris, investigou a questão da gênese das patologias mentais no trabalho e os conflitos existentes entre organização do trabalho e o funcionamento psíquico.

Diferentemente do que se acreditava, observou-se que apesar das rígidas e exigentes condições no ambiente de trabalho, não havia qualquer prova da existência de uma psicose do trabalho, comprovando que o elo causal entre trabalho e doença mental, revelava-se falso (MOLINIER, 2013). Não foram encontrados “ruídos” da loucura do trabalho, mas um estado de normalidade (LANCMAN; USHIDA, 2003). Nos anos 90, diante do insucesso da Psicopatologia do Trabalho, Dejours desloca-se a um novo campo de pesquisa e teoria, a Psicodinâmica do trabalho.

Na visão de Molinier (2013),

Ao se propor a normalidade como objeto, a psicodinâmica do trabalho realiza o projeto de alcançar as ciências sociais, mas sem a psiquiatria. A psicodinâmica do trabalho desloca-se da psiquiatria, rumo à psicologia clínica, da medicina, rumo às ciências humanas. Passa de uma concepção de ciência fundada na expertise para o entendimento da ciência baseado em uma aproximação compreensiva (p.67)

Com efeito, a psicodinâmica do trabalho centra-se em entender como os trabalhadores alcançam manter certo equilíbrio psíquico, mesmo quando submetidos à condições de trabalho desestabilizantes. Para isso, tem como objeto as relações dinâmicas entre organização do trabalho e processos de subjetivação (MENDES, 2007), a partir do entendimento de que os conflitos surgem do encontro de um sujeito com uma história singular e uma situação de trabalho fixa (MOLINIER, 2013).

Para Dejours (1992), o sofrimento é central e implica num estado de luta do sujeito contra as forças que o empurram em direção à doença mental. O sofrimento mental é entendido pela psicodinâmica do trabalho como um drama experimentado por meio de sentimentos de infelicidade, insatisfação pessoal e profissional, diante do qual os sujeitos criam estratégias psicológicas defensivas para se proteger. Em contrapartida, o prazer é vivenciado quando são experimentados sentimentos de valorização e reconhecimento no trabalho (MENDES; TAMAYO, 2011), elementos que permitem ao trabalhador encontrar sentido no seu trabalho, ser aceito e admirado pelo coletivo.

Nesse sentido, a metodologia em psicodinâmica visa compreender os aspectos subjetivos do trabalho através das vivências de prazer e sofrimento dos trabalhadores (Dejours, 2007), com enfoque na análise do trabalho real. A clínica do trabalho nessa abordagem traduz o real pela escuta e pela fala, tornando as situações de trabalho inteligíveis (MENDES, 2007).

Para estudar a relação organização do trabalho e trabalhador, o método privilegia o discurso coletivo dos trabalhadores, abordando temáticas como o contexto do trabalho, as relações de trabalho, as vivências de prazer e sofrimento e as estratégias psíquicas defensivas. Como um campo interdisciplinar com raízes epistemológicas no existencialismo, na psicanálise e na psicossociologia (FERREIRA, BARROS, 2003), a validação da metodologia é realizada juntamente aos participantes por meio de um texto produzido com o coletivo.

Diante dessa perspectiva, a psicodinâmica do trabalho entende que compreender as experiências de trabalho proporcionando espaços de fala e reflexão, pode mobilizar elaborações que possibilitem os sujeitos percorrer caminhos em direção à realização de si e à transformação da organização de trabalho.

Psicodinâmica do trabalho e Ergonomia da atividade: Novas práticas em ciência

É evidente que o conhecimento científico moderno triunfou e determinou avanços que culminaram em profundas transformações na sociedade. A partir da dominação do homem sobre a natureza, criaram-se verdades, ideais e crenças de uma ciência inabalável. Em oposição ao senso comum e às experiências de vida, o positivismo do século XX, cujas raízes estão no empirismo, naturalismo e mecanicismo, representou o apogeu da dogmatização do conhecimento científico. A partir de trabalhos de grandes pensadores modernos como Bacon, Galileu, Descartes e Darwin, as ciências foram sendo divididas, especializando-se e adotando uma concepção que vê nela o aparelho privilegiado da representação do mundo (SANTOS 1989).

Diferentemente de muitos autores positivistas que definem metodologia como busca científica de conhecimentos válidos e verdadeiros, Morin (2013) e Beck (2010), acreditam que a ciência apresenta um papel ambivalente. Quanto melhor a ciência se torna, mais cresce o progresso de sua incerteza e o conhecimento sobre aquilo que a ciência não conhece, visto que, evidencia-se a presença cada vez maior de problemas graves ao conhecimento, que a ciência produz e à ação que determina na sociedade (MORIN, 2013).

Para Giddens (1991), estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade tornam-se cada vez mais radicalizadas e universalizadas do que antes. A magnitude de insegurança e incertezas não quantificáveis (BECK, 2010) frente a seus efeitos ambientais, sociais, políticos e econômicos, desenham um processo de desmistificação da ciência, mostrando a necessidade emergente de novas concepções para a resolução de problemas complexos.

Se a realidade é complexa, ela requer um pensamento abrangente, multidimensional e complexo, capaz de compreender os emaranhados de informações por meio da construção de um conhecimento que articule as mais diversas disciplinas (MORIN, 2013).

Nesse sentido e diante dos aspectos apresentados, alguns autores como Santos (1989), entendem que trata-se de um momento de crise das ciências modernas, caracterizado por uma grande mudança paradigmática em direção à uma ciência pós-moderna. Para Pombo (2004, p.10), “[...] estamos perante transformações epistemológicas muito profundas. É como se o próprio mundo resistisse ao seu retalhamento disciplinar. A ciência começa a aparecer como um processo que exige também um olhar transversal”.

Como resposta à necessidade, principalmente nos campos das ciências humanas e da educação, em superar a fragmentação do saber e o caráter de especialização do conhecimento, a interdisciplinaridade emerge no século XX, diante das transformações apresentadas. Para Fazenda (2008), a interdisciplinaridade nasce anunciando a necessidade de construção de um novo paradigma de ciência e de conhecimento, a fim de elaborar um novo projeto de atuação na sociedade.

Na visão de Japiassu (1976), a interdisciplinaridade não é, pois, uma simples troca de informações entre organizações disciplinares, mas a intercomunicação entre as disciplinas, sendo que, um empreendimento interdisciplinar é reconhecido quando consegue incorporar os resultados de várias especialidades que tomar empréstimo. Para Pombo (2005, p.13), “só há interdisciplinaridade se somos capazes de partilhar o nosso pequeno domínio do saber, se temos a coragem necessária para abandonar o conforto da nossa linguagem técnica e para nos aventarmos num domínio que é de todos e de que ninguém é proprietário exclusivo”.

No mesmo século, a ergonomia da atividade e a psicodinâmica do trabalho emergem opondo-se aos conceitos dominantes de homem e de trabalho da sociedade moderna, buscando novos olhares e entendimentos para as questões do universo do trabalho. Com propostas interdisciplinares, as abordagens proporcionaram novos questionamentos sobre o saber, o homem e a sociedade.

Uma das críticas que Morin (2013) apresenta sobre as especializações é o modo como as ciências antropossociais trituram e dilaceram os conceitos molares de homem, indivíduo e sociedade. Adquirindo e estabelecendo comunicações com conceitos de outras disciplinas, a ergonomia da atividade e a psicodinâmica do trabalho se propõem analisar o fenômeno do trabalho humano de maneira mais ampla, assumindo, para isso, preferência na participação de mais de um pesquisador em suas intervenções (ABRAHÃO et al., 2009; MENDES, 2007).

Embora apresentem diferenças significativas com relação às metodologias empregadas em função do recorte teórico/epistemológico que cada uma delas faz de seu objeto de estudo (SZNELWAR et al., 2004), a psicodinâmica do trabalho e a ergonomia da atividade estabelecem aspectos teóricos, históricos, epistemológicos e conceituais que viabilizam o diálogo entre elas (FERREIRA; BARROS, 2003). Os elementos que aproximam as duas abordagens permitem que estas, enquanto metodologias, estabeleçam comunicações entre si, de forma interdisciplinar.

Para Japiassu (1976), como a interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa, é importante que haja complementaridade dos métodos, dos conceitos e das análises sobre os quais se fundam as diversas práticas das disciplinas científicas.

No caso da ergonomia da atividade e da psicodinâmica do trabalho, o ponto de intersecção entre os campos encontra-se no contexto de trabalho, pensado como um fator que influencia a saúde do trabalhador (FERREIRA; MENDES, 2001). A experiência de pesquisas que empregaram ambas as metodologias, como em Abrahão & Torres (2004) e Ferreira & Mendes (2001), revelou que os dados da ergonomia agregam sentido aos resultados da psicodinâmica, visto que, a análise da atividade possibilita a compreensão dos resultados obtidos nas vivências de prazer e sofrimento no trabalho.

O diálogo entre dois instrumentos possibilita a interação de novas práticas, confrontar e discutir perspectivas e pensar os problemas de forma mais contextual e ampla, contribuindo para o avanço de intervenções e pesquisas sobre o universo do trabalho. Contudo, na visão de Dejours (2004, p.57), o uso das duas abordagens no mesmo projeto limita-se ao caráter complementar para enriquecer os resultados, o que não significa que se deve propor a mistura ou somatória delas, “pois a miscigenação poderia trazer vieses conceituais e metodológicos que descaracterizariam as disciplinas e não trariam resultados significativos”.

A interdisciplinaridade proporciona uma grande esperança de renovação e mudança no domínio da metodologia das ciências humanas (JAPIASSU, 1976), já que o momento atual de crise das ciências modernas favorece estabelecer pontes para ligar as fronteiras disciplinares, aproximando e integrando pesquisas e intervenções sobre a realidade humana. Enquanto práticas que revelam a possibilidade de superar o caráter disciplinar que prega o paradigma padrão-dominante, a ergonomia da atividade e a psicodinâmica do trabalho apresentam-se como metodologias em busca de um novo horizonte científico e de uma mudança de atitude diante dos problemas do trabalho.

Considerações Finais

Como visto, a ergonomia da atividade e a psicodinâmica do trabalho são abordagens metodológicas que surgem no momento de crise das ciências modernas com a intenção de abandonar antigas práticas explicativas, aproximando-se das ciências humanas para

compreender o universo das atividades de trabalho e os aspectos subjetivos que envolvem o trabalhar.

Especificamente, a ergonomia da atividade volta-se para a transformação das tarefas e das condições de trabalho, sendo a psicodinâmica do trabalho uma ferramenta que busca ampliar as experiências subjetivas, contribuindo para a emancipação e empoderamento dos trabalhadores. Como metodologias interdisciplinares ancoradas no real do trabalho, as abordagens buscam transformar o trabalho e as vivências dos sujeitos, produzindo conhecimento de maneira a dialogar com outras disciplinas.

Tratando o trabalho como atividade humana singular, as metodologias pautam suas análises em diferentes perspectivas, a fim de uma compreensão mais ampla sobre as realidades contemporâneas de trabalho. De acordo com os aspectos que apresentam em comum, entende-se que a ergonomia da atividade e a psicodinâmica do trabalho, podem estabelecer diálogos teóricos e metodológicos, complementando e enriquecendo ainda mais pesquisas e intervenções nos contextos de trabalho.

Enquanto as ciências modernas positivistas destinam-se às tentativas de prever acidentes e imprevistos no trabalho e voltam-se, sobretudo, aos aspectos antropométricos e biomecânicos, as metodologias apresentadas rompem com as exigências de previsão e controle, destinando-se às questões do vivido e às situações que emergem no momento em que o trabalho realmente acontece. É nesse sentido que a ergonomia da atividade e a psicodinâmica, como agentes interessados no mundo social e no mundo psíquico, propõe superar o paradigma reducionista da ciência moderna, a partir de uma visão integradora e mais abrangente do trabalho humano.

Referências:

ABRAHÃO, J; TORRES, C. Entre a organização do trabalho e o sofrimento: o papel de mediação da atividade. *Revista Produção*. São Paulo, v.14, n.3, p. 67-76, set/dez, 2004.

ABRAHÃO, J. et al. *Introdução à ergonomia: da prática à teoria*. São Paulo: Blucher, 2009.

BENDASSOLLI, P.; SOBOLL, L. *Clínicas do trabalho: filiações, premissas e desafios*. *Caderno de psicologia social do trabalho*, São Paulo, v. 4, n.1, junho, 2011.

BECK, U. *Sociedade de risco: Rumo a uma outra modernidade*. 1º edição. São Paulo: Editora 34, 2010.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. 3º edição. São Paulo: Cortez, 1992.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*. São Paulo, v.14, n.3, p.27-34, dezembro, 2004.

DEJOURS, C. *Psicodinâmica do trabalho na pós-modernidade*. In MENDES, A; LIMA, S; FACAS, E. (Orgs.). *Diálogos em psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Paralelo 15, 2007.

DEJOURS, C. *Trabalho Vivo: Trabalho e emancipação*. Brasília: Paralelo 15, 2012.

FAZENDA, Ivani C. A. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas: Papiro. 15º edição, 2008.

FERREIRA, M; BARROS, P. (In)Compatibilidade trabalho prescrito - trabalho real e vivências de prazer-sofrimento dos trabalhadores: um diálogo entre a ergonomia da atividade e a psicodinâmica do trabalho. Revista Alethéia. Canoas (RS), v.16, p. 115-128, jul/dez, 2003.

FERREIRA, M; MENDES, A. “Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor”: atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. Estudos de Psicologia. v.6, n.1, 93-10493-104, abril, 2001.

GIDDENS, A. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GUÉRIN, F. et al. Compreender o trabalho para transformá-lo: A prática da ergonomia. São Paulo: Blusher: Fundação Vanzolini, 2001.

JAPIASSU, H. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LANCMAN, Selma; UCHIDA, Seiji. Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. Caderno de psicologia social do trabalho. São Paulo , v.6, dezembro, 2003 .

MENDES, A.; TAMAYO, A. Valores organizacionais e prazer-sofrimento no trabalho. Psico-USF. Itatiba, v. 6, n. 1, p. 39-46, junho, 2001.

MENDES, A. Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MOLINIER, P. O trabalho e a psique: Uma introdução à Psicodinâmica do trabalho. Brasília: Paralelo 15, 2013.

MORIN, E. Ciência com consciência. 15º edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

POMBO, O. Interdisciplinaridade: Ambições e limites. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.

POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. Liinc em Revista. v.1, n.1, p. 3 - 15, março, 2005.

SANTOS, B. S. Introdução a uma ciência pós-moderna. 6º edição. Porto: Afrontamento, 1989.

SZNELWAR, L. et al. Análise do trabalho e serviço de limpeza hospitalar: contribuições da ergonomia e da psicodinâmica do trabalho. Revista Produção. São Paulo, v.14, n.3, p. 45-57, dezembro, 2004.